



TRICIA LEVENSSELLER

A Filha da Rainha Sereia

A SEQUÊNCIA DO FENÔMENO DO TIKTOK QUE É
A MISTURA PERFEITA DE AVENTURA E ROMANCE



Planeta minotauro

TRECHO ANTERIOR PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

TRICIA LEVENSELLER

A filha da Rainha Sereia

tradução

Marcia Blasques



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Tricia Levenseller, 2018
Publicado em acordo com Feiwel & Friends, um selo do Macmillan Publishing Group, LLC.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Marcia Blasques, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *Daughter of the Siren Queen*

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Tamiris Sene e Maitê Zickuhr
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Composição e ilustração de capa: Dark Stream

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Levenseller, Tricia

A filha da rainha sereia / Tricia Levenseller; tradução de
Marcia Blasques. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
336 p.

ISBN 978-85-422-2462-7

Título original: *Daughter of the Siren Queen*

1. Ficção juvenil I. Título II. Blasques, Marcia

23-5825

CDD 808.899283

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção juvenil



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editora-planeta.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização. PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



CAPÍTULO

1

O SOM DA MINHA FACA DESLIZANDO EM UMA GARGANTA SOA MUITO ALTO na escuridão.

Seguro o pirata antes que seu cadáver desabe no chão, e o abaixo gentilmente pelo resto do caminho. É só o primeiro membro da tripulação de Theris – não, de Vordan, recordo a mim mesma – que morrerá hoje à noite.

Minha própria tripulação está espalhada pelas ruas de paralelepípedos, despachando os homens de Vordan um a um. Não consigo vê-los, mas confio que todos cumprirão seus papéis esta noite.

Levei dois meses para rastrear o senhor pirata e reunir informações suficientes para me infiltrar em seus domínios. Vordan pensou em se proteger de mim viajando para o interior. Estamos a quilômetros do porto mais próximo, e, ainda que não tenha como repor minhas habilidades, eu vim totalmente abastecida.

Minha fonte me deu todos os detalhes de que eu precisava. Vordan e sua tripulação estão morando na Estalagem Urso Velho. Consigo vê-la logo adiante, uma estrutura de quatro andares com um telhado quase plano e paredes pintadas de verde. A entrada principal é formada por uma arcada impressionante e uma grande placa mostrando um urso adormecido se projetando no topo.

A tripulação de piratas de Vordan se transformou em uma gangue de ladrões em terra firme, atacando os habitantes de Charden, a maior das Dezesete Ilhas. Ele comprou a estalagem e paga os salários de todos os empregados, mantendo o lugar como se fosse sua fortaleza pessoal. Parece que ele não tem medo de viver à vista de todos. O total de homens a seu serviço é de quase cem, e não há uma força de segurança nesta ilha que seja grande o bastante para se livrar deles.

Mas não preciso me livrar deles. Só preciso conseguir entrar e tirar Vordan e sua parte do mapa de lá sem alertar o restante de seus homens. Seu interrogatório e tortura inevitáveis acontecerão assim que voltarmos ao meu navio.

Eu me esgueiro pela rua, me mantendo próxima à casa geminada que está à minha direita. A cidade dorme a esta hora. Não vi uma alma se movendo, exceto os homens de Vordan que estão de vigia.



Planeta minotauro

Um som de tilintar me faz parar no meio do caminho. Seguro a respiração enquanto espio pela próxima esquina, pelo espaço entre essa casa e a próxima. Mas é só um garoto de rua – um menino, talvez oito ou nove anos – revirando uma pilha de garrafas de vidro.

Fico surpresa quando ele vira a cabeça na minha direção. Sou mais silenciosa que os mortos, mas suponho que, para viver nas ruas, é preciso sentir quando uma ameaça está por perto.

Levo o dedo aos lábios, e então jogo uma moeda para o garoto, que a pega sem tirar os olhos de mim. Dou uma piscadela para ele antes de atravessar o espaço até a casa seguinte.

Espero aqui, observando a névoa da minha respiração diante de mim sob a luz da lua. Ainda que eu tenha vontade de me aquecer, não posso arriscar o som das minhas mãos se esfregando uma na outra. Não há nada que eu possa fazer além de esperar totalmente imóvel.

Por fim, ouço um piado de coruja. E outro. E mais outro. Espero até ouvir sete deles – indicando que cada cruzamento de rua e telhado protegido já foi liberado.

Observo as janelas da grande estalagem diante de mim. Não há uma única vela acesa, nem uma silhueta ou movimento atrás dos vidros. Eu me arrisco e corro até a estalagem.

Uma corda já pende do telhado. Sorinda foi mais rápida do que eu. Eu escalo andar após andar evitando as janelas, até que minhas botas se firmam nas placas de pedra do telhado. Sorinda acaba de embainhar a espada, com quatro homens de Vordan mortos aos seus pés. Não há nada em que ela se destaque mais do que em matar.

Sem dizer uma palavra, ela me ajuda a puxar a corda e a amarrá-la novamente, de modo que fique pendurada do lado ocidental do telhado. A janela de Vordan fica no último andar: é a terceira da direita.

Pronta?, pergunto movendo a boca, sem emitir som algum.

Ela confirma com a cabeça.



Segurar minha faca contra a garganta de Vordan adormecido me enche com a mais doce sensação de justiça. Com minha mão livre, cubro sua boca.

Ele abre os olhos, e eu aperto a faca um pouco mais, só o suficiente para cortar a pele, mas não o bastante para fazê-lo sangrar.

— Peça ajuda e eu corto sua garganta — sussurro. Tiro a mão de sua boca.

— Alosa — diz ele, em um amargo reconhecimento.

— Vordan. — Ele é exatamente como eu me lembro. Um homem de aparência comum: cabelo e olhos castanhos, constituição mediana,

altura mediana. Nada que o faça se destacar em uma multidão, e é assim que ele gosta de ser.

— Você descobriu — diz ele, obviamente se referindo à sua identidade, sobre a qual ele inicialmente mentiu. Quando eu era prisioneira no *Perigos da Noite*, ele fingiu ser um dos homens do meu pai e atendia pelo nome de Theris.

— Onde está o mapa? — pergunto.

— Não está aqui.

Sorinda, parada como uma sentinela silenciosa atrás de mim, começa a se movimentar pelo quarto. Eu a escuto remexendo nas gavetas da cômoda e depois levantando as tábuas do piso.

— Você não tem utilidade para mim se não me disser onde o mapa está — comento. — Vou acabar com sua vida. Bem aqui. Neste quarto. Seus homens encontrarão seu corpo pela manhã.

Ele então sorri.

— Você precisa de mim vivo, Alosa. Caso contrário eu já estaria morto.

— Se eu tiver que perguntar mais uma vez, começarei a cantar — aviso. — O que devo obrigá-lo a fazer primeiro? Quebrar as próprias pernas? Desenhar figuras na parede com seu próprio sangue?

Ele engole em seco.

— Tenho três vezes mais homens do que você. Não vou a lugar algum, e essa sua voz não servirá de nada, já que você só consegue controlar três de cada vez.

— Seus homens não conseguirão lutar muito enquanto estiverem dormindo em suas camas. Minhas garotas já os trancaram nos quartos.

Os olhos dele se estreitam.

— Pena que você não pegou meu espião em suas fileiras, e que chato que não percebeu que ele trocou todas as trancas nas portas. Sim, eles estão trancados pelo lado de fora agora.

— Eles já foram alertados. Meus homens de vigia...

— Estão todos mortos. Os quatro que estavam no telhado. Os cinco nas ruas. Os três no teto do açougue, do curtidor e da loja de suprimentos.

Sua boca se abre de modo que eu possa ver seus dentes.

— Seis — diz ele.

Minha respiração para durante um segundo.

— Eu tinha seis homens nas ruas — ele esclarece.

O quê? Não. Nós saberíamos...

Um sino toca tão alto que acorda a cidade inteira.

Xingo baixinho.

— O garotinho — digo bem quando Vordan enfia a mão embaixo do travesseiro. Ele busca a adaga, que eu já removi de lá. — Hora de ir embora, Sorinda.

Levante-se. Digo as palavras para Vordan, mas elas não são um comando normal, dito com minha voz normal. As palavras são cantadas, cheias da magia passada para mim por minha mãe sereia.

E todos os homens que a escutam obedecem, pois eles não têm escolha.

Vordan se levanta da cama imediatamente, colocando os pés no chão.

Onde está o mapa?

A mão dele vai até a garganta, e ele puxa um cordão de couro escondido sob a camisa. Na ponta há um frasco de vidro, não maior do que meu polegar, tampado com uma rolha. E enrolada lá dentro está a parte final do mapa. Com a qual meu pai e eu finalmente viajaremos até a ilha das sereias e reivindicaremos seu tesouro.

Meu corpo já está vivo com minha canção, meus sentidos amplificados. Consigo ouvir os homens se mexendo nos andares de baixo, calçando as botas e correndo para as portas.

Puxo o frasco do pescoço de Vordan. O cordão arrebenta, e eu guardo o colar no bolso do espartilho preto que uso.

Faço Vordan sair do quarto na frente. Ele está descalço, é claro, e usa só uma camisa de flanela larga e calça de algodão. O homem que me trancou em uma jaula não merece o conforto de sapatos ou de um casaco.

Sorinda está bem atrás de mim quando saio para o corredor. Lá embaixo, escuto os homens de Vordan arremessando os pesos de seus corpos contra as portas trancadas, tentando responder ao sino de alarme. Maldito sino!

Minhas garotas ainda não chegaram ao andar superior. Os homens deste andar e do que está logo abaixo saem para o corredor. Não demora muito para localizarem seu capitão.

Canto uma série de palavras para Vordan que não são mais do que um sussurro.

Ele grita:



Planeta minotauro

— Lá fora, seus tolos! São os homens do rei das terras. Eles se aproximam pelo sul! Vão lá e os interceptem.

Muitos começam a se mover, seguindo as ordens do capitão, mas um homem grita:

— Não! Olhem atrás dele! É aquela sereia vadia!

Decido que este homem vai morrer primeiro.

Vordan deve tê-los advertido contra uma situação como esta, porque os homens desembainham seus alfanjes e atacam.

Malditos sejam.

Expando a canção, colocando mais dois dos homens de Vordan sob meu encanto, e os coloco na nossa frente para lutar contra os outros que se aproximam.

O corredor estreito funciona ao nosso favor. A estalagem é retangular, com quartos enfileirados em um dos lados do corredor e

uma balaustrada do outro. Por sobre a balaustrada é possível ver claramente o térreo. Uma escada em zigue-zague segue até cada andar, único meio de subir ou descer, fora as janelas e a longa queda até lá embaixo.

Eu me alinho com os três homens sob meu feitiço para lutar contra a primeira onda. Acerto meu ombro no pirata que ousou me chamar de “sereia vadia”, arremessando-o por cima da balaustrada. Ele grita até atingir o chão com um estalo alto. Não paro para olhar – já estou enfiando minha espada no estômago do próximo pirata. Ele cai no chão e eu passo por cima de seu corpo moribundo para alcançar o homem seguinte.

Os piratas de Vordan não têm escrúpulos em matar seus companheiros, mas não vão tocar em seu capitão. Assim que um dos homens que encantei cai, encanto o que está mais perto de mim, preenchendo o lugar e mantendo três sob meu controle o tempo todo.

Sorinda está logo atrás de nós, encarando os dois homens que saíram dos quartos no final, e não me preocupo em olhar por sobre o ombro. Eles não vão passar por ela.

Em pouco tempo os homens de Vordan percebem que, se matarem seus companheiros, serão as próximas vítimas a cair sob meu encanto. Eles recuam, descendo correndo as escadas, provavelmente esperando levar a batalha até o amplo térreo da estalagem. Mas minhas garotas, aquelas que estavam trancando as portas, os encontram no segundo andar. Dez mulheres, treinadas pessoalmente por mim, lideradas por Mandsy, a médica do meu navio e minha segunda imediata, impedem que eles desçam as escadas.

Agora eles estão lutando em duas frentes.

— Saia dessa, capitão! — o homem incomumente alto que luta comigo grita para Vordan. — Nos diga o que fazer! — Depois de bloquear seu último golpe, eu acerto uma cotovelada por baixo de

seu queixo. Sua cabeça vai para trás, e eu interrompo seus gemidos passando meu alfanje em sua garganta.

Os números deles estão diminuindo, mas os que estão trancados nos quartos passam a arrombar as portas com seus alfanjes e se juntam à luta.

Homens começam a pular por sobre a balaustrada do primeiro andar, aterrissando sobre as mesas e cadeiras do refeitório no térreo. Alguns caem e quebram as pernas ou torcem os tornozelos, mas muitos conseguem se recuperar e tentam atacar minhas garotas por trás.

Ah, não. Vocês não vão fazer isso.

Pulo por cima da balaustrada, aterrisso facilmente em pé e ataco os quatro homens que se aproximam das minhas garotas. Ouso olhar para cima quando consigo me equilibrar e vejo que Sorinda despachou os homens que estavam atrás de mim e agora assumiu meu posto.

— Sorinda! Desça aqui — grito, parando minha canção o suficiente para pronunciar essas palavras.

Corto a coxa de um dos homens que ataquei. O seguinte recebe a ponta da minha adaga enfiada na base da coluna. Os outros dois me cercam, finalmente conseguindo ficar em pé.

O menor dos dois homens me encara, reconhece quem sou e sai correndo pela entrada principal, voando pelas escadas.

— Deixe esse comigo — diz Sorinda assim que chego ao térreo, e passa correndo por mim.

O último homem no meu caminho larga a espada.

— Eu me rendo — ele diz. Eu o acerto com o cabo da minha espada. Ele desmaia aos meus pés.

Sobram aproximadamente quarenta deles, que tentam abrir caminho pela minha tripulação. Vordan e dois de seus homens

permanecem no fim da fila, ainda sob meu encanto, lutando contra a própria tripulação.

Mas meus poderes estão se esgotando. Precisamos dar o fora daqui. Olho pelo salão, notando as lanternas apagadas penduradas nas paredes, e contemplo o óleo dentro delas.

Pule, ordeno para Vordan. Ele não hesita. Se joga por cima da balaustrada. Aterrisa com uma das pernas dobradas de um jeito estranho embaixo do corpo, bem como eu queria.

Libero Vordan e os dois piratas do fundo da fila do meu feitiço para direcionar o que resta dos meus esforços para o três que estão bem na frente da minha tripulação.

Mantenham formação, ordeno. Eles se viram imediatamente, voltando suas espadas contra seus próprios homens. Para minhas garotas, eu grito:

— Descarreguem a pólvora extra de suas pistolas nas escadas.

Mandsy dá um passo para trás, puxa a bolsa de pólvora perto de seu coldre e a joga no degrau logo abaixo dos homens sob meu feitiço. O restante das garotas a imita, e mais nove bolsas de pólvora são jogadas no chão.

— Peguem Vordan! Levem-no para a carruagem.

Vordan xinga a plenos pulmões agora que recuperou o juízo. Minhas garotas o seguram em pé, já que a perna dele está inutilizada, e o carregam para a saída. Estou logo atrás delas, puxando a pistola da lateral do corpo e mirando na pilha de pólvora.

Eu atiro.

A explosão pressiona minhas costas, me fazendo avançar mais rápido. A fumaça enche minhas narinas e uma onda de calor me envolve. Sou lançada para a frente, mas recupero o equilíbrio e corro. Olho por sobre o ombro, observando a destruição. A estalagem ainda está em pé, mas queima por dentro. A parede que cerca a entrada

principal agora está em pedaços na rua. Os piratas que ainda estão lá dentro queimam até se tornarem cinzas.

Viro na próxima rua, correndo até o ponto de encontro. Sorinda se materializa na escuridão e corre silenciosamente ao meu lado.

— Entrar e sair sem que ninguém perceba — diz ela, impassível.

— Mudança de planos. Além disso, eu tinha todos os homens de Vordan empilhados em um único lugar. Como resistir à tentação de explodi-los? Agora ele não tem nada.

— Exceto uma perna quebrada.

Dou um sorriso. Sorinda raramente demonstra bom humor.

— Sim, exceto isso.

Dobramos outra esquina e alcançamos a carruagem. Wallov e Deros controlam as rédeas. Eles eram os únicos homens da minha tripulação até que Enwen e Kearan se juntaram a nós, mas deixei os dois últimos no *Ava-lee* para proteger o navio sob o comando de Niridia. Wallov e Deros são os guardas da minha carceragem. Eles saltam de seus assentos e abrem as portas da carruagem. Lá dentro há uma gaiola. Deros pega uma chave e destranca a porta, deixando-a aberta.

— Wallov, coloque nosso convidado lá dentro — ordeno.

— Com prazer.

— Vocês não podem me colocar aí — diz Vordan. — Alosa, eu...

Ele é interrompido pelo punho de Sorinda acertando seu estômago. Ela o amordaça e amarra as mãos dele nas costas. Só então Wallov o enfia na gaiola. É bem pequena, feita para um cão ou algum tipo de gado, mas conseguimos espremer Vordan ali.

Subo na porta da carruagem e olho lá dentro. Dois baús de madeira repousam nos assentos, com os cadeados quebrados.

— Conseguiram tudo, então? — pergunto.

— Sim — confirma Wallov. — As informações de Athella foram precisas. O ouro de Vordan estava no porão, embaixo do piso falso.

— E onde está nossa informante?

— Aqui, capitã! — Athella sai do meio do grupo que está atrás de Mandsy. Ainda está disfarçada, o cabelo escondido sob um tricórnio e um cavanhaque falso preso ao queixo. Ela usou maquiagem nas sobrancelhas para alargá-las e escurecê-las. Linhas ao redor das bochechas fazem seu rosto parecer mais alongado. Blocos em seus sapatos lhe dão a altura extra necessária, e ela usa um colete volumoso sob a camisa para preencher as roupas de homem.

Ela arranca os apetrechos masculinos do corpo e limpa o rosto até parecer consigo mesma mais uma vez. O que resta é uma garota magra, com cabelo macio e negro que cai sobre os ombros. Athella é a espiã designada do navio e nossa mais renomada arrombadora.

Eu me volto para Vordan, que encara com olhos esbugalhados a garota que ele pensava ser um membro de sua tripulação. Ele volta o olhar para mim, a expressão fervendo de ódio.

— Como é ser a pessoa que está trancada em uma gaiola? — pergunto.

Ele puxa as mãos amarradas, tentando se libertar, e minha mente volta àquela época, dois meses atrás, quando Vordan também me prendeu em uma gaiola e me obrigou a lhe mostrar todas as habilidades que possuo, usando Riden para me fazer cooperar.

Riden...

Ele também está no meu navio, se recuperando dos ferimentos a bala provocados por Vordan. Eu terei de finalmente reservar um tempo para visitá-lo quando voltarmos, mas por enquanto...

Fecho a porta da carruagem na cara de Vordan.